

21. Maio, 2012

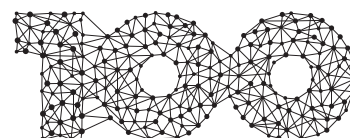
Salão Nobre do IST – 21h30

CONCERTO MPMP

Lançamento do 1.º CD da colecção
melographia portugueza



José Carlos Araújo, cravo
José António Carlos de Seixas (1704–1742)



PROGRAMA

Sonata em Mi menor, K. 37

Allegro

Adagio

Minuete

Sonata em Mi menor, K. 35

Allegro

Sonata em Lá menor, K. 65

A tempo assai

Minuete I

Minuete II [*]

Sonata em Lá maior, K. 60

Allegro

Sonata em Ré menor, K. 25

Allegro

Adagio

Minuete

Sonata em Ré maior, K. 21

Allegro

Minuete

Sonata em Sol menor, K. 50

Allegro

Minuete

Sonata em Sol maior, K. 46

Allegro

Sonata em Dó menor, K. 15

Andante

Minuete

Sonata em Dó maior, K. 1

Allegro

[*] – Decidiu incluir-se aqui o segundo minuete, preservado numa única cópia setecentista (MM 57, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) em apêndice à fuga para órgão em Lá menor K. 76, por ser implausível a sua interpretação em órgão, casualidade da transmissão manuscrita e reflexo da prática interpretativa corrente na época de Seixas, em que a associação livre de pares de sonatas e dos seus andamentos seria frequente.

BIOGRAFIA

JOSÉ ANTÓNIO CARLOS DE SEIXAS

José António Carlos de Seixas nasceu EM Coimbra a 11 de Junho de 1704, filho de Francisco Vaz e de Marcelina Nunes. Ignora-se a origem do apelido Seixas (Seyxas, em algumas fontes), que provavelmente só terá adoptado mais tarde, sendo conhecido primordialmente nos manuscritos setecentistas sobreviventes apenas pelos nomes de baptismo, José António Carlos. Terá recebido a primeira instrução musical de seu pai, que veio a substituir no lugar de organista da Sé de Coimbra, com o mesmo salário e por decisão do Cabido, à data da sua morte, em 1718.

Mudou-se para Lisboa em 1720 ‘com intento de ser Ecclesiastico’, segundo Diogo Barbosa Machado (Bibliotheca Lusitana, vol. IV, 1759, o primeiro dos escassos documentos que nos permitem fixar a sua biografia), que refere ainda que ‘foy tal a fama, que se divulgou na destreza, e suavidade com que tocava Orgão, que não contando mais de dezaseis annos de idade, foy admittido para Organista da Santa Basílica Patriarcal’ (desconhece-se se esta seria a Capela Real, no Paço da Ribeira, ou a Basílica de Santa Maria Maior).

Sabe-se que Seixas ensinava cravo em muitas casas nobres de Lisboa, que se casou em 1731 com D. Joana Maria da Silva, de quem teve dois filhos e três filhas, e que em 1738 adquiriu a propriedade de um ofício de contador da Ordem de Santiago, com intenção de nobilitação, obtendo ainda no mesmo ano o hábito da Ordem de Cristo, após um longo processo iniciado em 1728. A sua morte ocorreu em Lisboa, na casa que habitava, por detrás da Igreja de Santo António da Sé, em 25 de Agosto de 1742, com trinta e oito anos.

À destruição decorrente do terramoto de Lisboa deverá imputar-se o motivo principal para que não subsistam hoje quaisquer autógrafos de Seixas. Dispomos actualmente de cerca de cento e trinta sonatas (ou tocatas, designações equivalentes na época) para instrumentos de tecla da sua autoria ou que lhe são atribuídas (para cravo, clavicórdio e órgão, mas em que se distingue já claramente o aparecimento dos primeiros pianofortes ou ‘cravos de martelos’ na corte de D. João V), representadas por sete fontes manuscritas fundamentais (dentre as setecentas sonatas que Barbosa Machado lhe atribuiu). Além destas, compôs uma Abertura e uma Sinfonia para cordas e baixo contínuo (a primeira com recurso a instrumentos de sopro e percussão), um concerto para cravo, cordas e baixo contínuo, que constituirá possivelmente o primeiro exemplo de um concerto para um instrumento de tecla na música europeia, e dez obras corais sacras, surpreendentes pela modernidade da sua escrita, que Seixas associa a um domínio seguro do contraponto.

O carácter inovador da produção de Seixas é ainda mais surpreendente perante a ausência de quaisquer notícias de que tenha saído de Portugal, ao contrário dos seus contemporâneos António Teixeira, Francisco António de Almeida ou João Rodrigues Esteves, bolseiros da Coroa em Roma na década de vinte do séc. XVIII. Em Lisboa, na Capela Real, teve, contudo, oportunidade de contactar com personalidades como Giovanni Giorgi, ex-mestre de capela de S. João de Latrão, e Domenico Scarlatti, chamado a Portugal por D. João V, quando desempenhava as funções de mestre da Capella Giulia, para ocupar o lugar de mestre da Capela Real.

Igualmente surpreendente é ainda a sua produção para instrumentos de tecla, uma vez que na sua formação deverá ter sido especialmente proeminente o estudo da tradição organística ibérica. A forma usada por Seixas é a da nova sonata barroca, numa estrutura bipartida ou tripartida, em que coexistem elementos de influências muito diversas, com o predomínio da invenção melódica, em frases nem sempre inteiramente simétricas. Na sua música de tecla, que demonstra um virtuosismo característico da técnica cravística da primeira metade de Setecentos no Sul da Europa, a influência da tradição ibérica do tento e da fantasia pode observar-se apenas no recurso a modulações sucessivas, processo evitado por Scarlatti, mas paralelo ao das sonatas de Antonio Soler.

Iniciando um projecto de gravação de todas as sonatas conservadas de Carlos Seixas para cravo e órgão que possam considerar-se concluídas e de atribuição segura, este alinhamento contempla dez sonatas organizadas em pares, de acordo com a prática setecentista, e segundo uma sequência lógica tonal. Simbolicamente, decidiu incluir-se no final desta primeira edição a sonata em Dó maior com que Macário Santiago Kastner iniciou o catálogo das obras para tecla de Seixas, homenageando assim o musicólogo que chamou pela primeira vez a atenção para a música deste autor, na década de trinta do século passado.

*Duarte Pereira Martins e José Carlos Araújo,
Lisboa, Abril de 2012*

[MPMP] – WWW.MPMP.PT

O 'mpmp', movimento patrimonial pela música portuguesa, é uma associação sem fins lucrativos em prol da divulgação do património musical português de todas as épocas, com especial destaque para a música erudita de tradição ocidental. Os seus primeiros projectos remontam ao ano de 2009 (Atrium, base de dados de compositores portugueses) e é em 2010 que o movimento vê nascer um dos seus mais bem sucedidos objectivos: a revista *Glosas*, a única publicação portuguesa dedicada à divulgação da música portuguesa de ontem e de hoje. Em 2012 inicia igualmente o projecto discográfico *melographia portuguesa*, dedicando o primeiro CD à obra para cravo de Carlos Seixas. O 'mpmp' mantém também uma activa agenda de concertos e desenvolve projectos de edição de partituras.

**JOSÉ CARLOS ARAÚJO**

José Carlos Araújo estudou cravo, órgão e música antiga no Conservatório Nacional, com Cândida Matos e Rui Paiva, na Escola Superior de Música de Lisboa e em numerosos seminários da especialidade com Cremilde Rosado Fernandes, Ana Mafalda Castro, Gustav Leonhardt, Jacques Ogg, Rinaldo Alessandrini, Roël Dieltiens, Wilbert Hazelzet, José Luis Uriol, Miklós Spányi, Ketil Haugsand e Hermann Stinders. Como bolseiro da Fundação Rotária Portuguesa participou no IV Festival Cultural Europeu de Rouen.

Foram-lhe atribuídos o Primeiro Prémio e Prémio Especial do Público no Concurso de Cravo Carlos Seixas (2004) pela Escola Superior de Música de Lisboa e Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Em 2006 apresentou a estreia moderna do concerto para cravo de José Palomino e a Suite Concertante para Cravo e Orquestra de Câmara, de Armando José Fernandes (1967). No domínio da música de câmara, apresentou-se ao lado de Elvira Ferreira, Mariana Nina, Leonor Amaral, Mercè Obiol, Irene Lima,

Ulrich Cordes, José Manuel Araújo e Rui Paiva, e sob a direcção dos maestros Armando Vidal, João Paulo Santos, Rui Pinheiro, Alberto Lysy e Massimo Mazza.

Foi responsável, em 2007, por um ciclo de recitais que, em parceria com a Academia Militar, RDP (Antena 2) e Agenda Cultural de Lisboa, propuseram a redescoberta e reintegração do órgão histórico da Capela da Bemposta (1793) no circuito organístico de Lisboa.

Apresentou na Temporada de Cravo de Óbidos concertos regulares desde 2006, dedicados à música antiga ibérica, a Domenico Scarlatti ou às Variações Goldberg, bem como, com a colaboração de Jorge Rodrigues, um recital dedicado a Haendel e um programa sobre O Cravo Bem Temperado de J.S. Bach.

Na Academia das Ciências de Lisboa inaugurou o restauro de dois pianos de mesa do início do séc. XIX que integram a colecção instrumental do Conservatório Nacional.

Em 2009 colaborou com o Teatro da Cornucópia na produção de A Tempestade de William Shakespeare sob a direcção de Luís Miguel Cintra. Em conjunto com Carlos Avillez, preparou a apresentação pública de Dido and Aeneas de Henry Purcell no Teatro Nacional de S. Carlos pelo Atelier de Ópera da EMCN, com a produção de textos de apoio e de uma conferência subordinada à herança vergiliana no libretto de Tate (*Italiam non sponte sequor*), actualmente em vias de publicação.

Gravou para a RTP e RDP (Antena 2), SIC e ARtv – Canal Parlamento. Em 2008 a RTP 2 dedicou um documentário à sua actividade artística.

Colaborou com a artista plástica Teresa Gonçalves Lobo, integrando as personalidades escolhidas para representar o século de 1910 a 2010 presentes na exposição e catálogo do seu projecto Cem Anos da República, de 2010/2011.

Licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde estudou Filologia Clássica, prepara actualmente o mestrado em Literatura Latina. Como aluno com as mais elevadas classificações da Faculdade de Letras em 2007, foi distinguido com uma bolsa de estudo entregue pelo Reitor da Universidade. Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, na área da Antiguidade Clássica, foi bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, colaborou com o projecto Lexikon para a elaboração de um dicionário de grego e tem-se dedicado à tradução de autores clássicos como Plínio e (em parceria) Valerio Maximo, pela primeira vez em português. Colaborou em volumes recentes de Euphrosyne – Revista de Filologia Clássica.

Organização: Prof. Henrique Silveira Oliveira (IST)

Revisão das notas: Prof. Miguel Casquilho (IST)